

Bares fecham e músicos ficam sem trabalho

Chorão, Cavaquinho, Beer Haus, Esquina 302, Curral Novo, Amigo's, Romanus, Stone's, Asa Branca, Mandacaru, Camuti, Caneco 14, Flor Amorosa... Os nomes se multiplicam pela noite brasiliense. Esses no entanto, compõem apenas uma pequena parcela - embora a mais conhecida - dos estabelecimentos que trabalham com música ao vivo nas comerciais do Plano Piloto. E todos, pelo menos uma vez na vida, já foram "visitados" por blitzes nas madrugadas. E todos, de fato, já estão cansados (fartos, para ser mais franco) de ter que conviver com essa realidade, ou com telefonemas e reclamações de moradores vizinhos.

"Sabe o que é isso? É uma questão de insônia. São pessoas recalcadas, que não conseguem dormir, não têm a consciência tranquila, e acabam ouvindo qualquer barulho que se faça à noite: até mesmo um copo quebrado. E jogam a culpa na música", protesta a proprietária do Romanus, Maria do Socorro, que funciona na comercial da 106 Norte.

Em outubro, a polícia foi lá, verificou as condições do bar e nunca mais apareceu. Talvez porque o Romanus não seja tão visado quanto outros estabelecimentos. "São poucos os moradores que reclamam, e mesmo assim são apenas do bloco D, que é o mais próximo", garante Ney Cidade, o músico da casa. "Só que eles fazem um monte de grosserias, gritam desaforos, dão telefonemas xingando todo mundo... Um dia desse deram um tiro de espingarda de chumbo. Sorte que não pegou em ninguém. Fazer isso é um absurdo, a nossa música não atrapalha ninguém, o síndico, inclusive, nunca reclamou, não quis assinar um abaixo assinado contra a gente. Ora, as caixas de som ficam pra dentro do bar, o som não é alto, trabalhamos só com um violão e uma bateria que não é amplificada... Isso é coisa de quem não se diverte e não quer que os outros se divirtam. Só em Brasília mesmo. No Rio e em São Paulo não acontece essas palhaçadas" - protesta Cidade.

Uma realidade comum a quase todos os bares do Plano. Nem precisam trabalhar com música. Basta serem freqüentados. E o resultado é que está deixando de ser um bom negócio. Desde a chamada "Guerra ao Barulho", realizada de abril a outubro do ano passado pela Secretaria de Segurança Pública, quando foram presos músicos e proprietários, ocorreu uma espécie de devassa na noite brasiliense. O Bar Canteiros, da 312 Norte, pivô de uma série de reclamações, abaixo assinados, ação na justiça pelo síndico do bloco H, Cid Caldas, acabou fechando e seu dono foi para Recife; há cerca de duas semanas, não antes de excluir música ao vivo. Na mesma 312, outra vítima: o bar Arembepe, que também estava com processo na Justiça, fechou em dezembro. O motivo é o mesmo: reclamações e pressões contra músicos, proprietários e a própria freguesia,

que foi se afastando e deixando os estabelecimentos às moscas. E olha que o Arembepe nem tinha música ao vivo. Na 712 Norte, o Carne Assada também acabou fechando. E vai por aí.

Da Asa Norte para a Sul, a devassa prossegue. Dos quatro estabelecimentos que foram autuados pelas ações comandadas pelo delegado Francisco Feitosa (transferido da 1ª DP para o Lago Norte, considerado o "maior inimigo da noite", segundo um proprietário que naturalmente não quis se identificar), apenas um se mantém intacto: o Esquina 302. Os outros sofreram com as pressões e os flagrantes: a churrascaria Los Pampas, na 513 Sul (isto é, na W/3), mudou de nome e proprietário, embora permeça com música ao vivo; o Beer Haus, na 212 Sul, mudou de esquema, está fechando antes da meia-noite, parou com a música, perdeu a freguesia; e o Karl'oka, também na 302 Sul, fechou, foi vendido, está em reformas e vai virar restaurante.

"Compramos o Karl'oka, que dava mais problema que o nosso bar, e modificamos a linha para reduzir os atritos", esclarece Creiluis Dias, um dos proprietários e gerente do Esquina 302. Dias, por sinal, não se preocupa mais com novas investidas policiais ou com as reclamações dos vizinhos - "Estamos tentando manter o melhor relacionamento possível com todos. Se o som fica alto demais e a polícia ou os moradores reclamam, agente reduz o volume. Inclusive também diminuímos a carga horária da música. Estamos fechando à meia-noite".

Quanto ao processo que foi movido contra o bar, Dias não faz idéia do seu andamento, embora tenha comparecido uma vez ao tribunal para depor. "Não voltei mais. Acho que não deu em nada". Sobre os alvarás e o posicionamento do Departamento de Licenciamento e Fiscalização de Obras da SVO em não mais concedê-los para estabelecimentos com música ao vivo, o gerente tem a segurança de estar agindo corretamente: "Um delegado, certa vez, não me lembro o nome dele, me disse que não precisa de alvará nesse sentido, que só é exigido para casas que tiverem pistas de dança. E não é o nosso caso".

Nonato Ribeiro, há dois meses gerenciando o Cavaquinho, na 408 Sul, é da mesma opinião: "Não sei se precisa de alvará. Nós não temos. Para música ao vivo, basta a autorização do ECAD e da Censura Federal. O alvará concedido é apenas para o funcionamento da casa, sem especificações".

O Cavaquinho, assim como o Mandacaru (na mesma 408), o Camuti (na 415 Sul) e outros estabelecimentos, estão em clima de tranquilidade. Não houve mais nenhuma confusão; a trégua é, de fato, real. Só que a ameaça de não mais permitirem que se abram bares com música ao vivo nas comerciais é uma sombra incômoda. Ou então, na melhor das hipóteses, é um grave equívoco dos funcionários da Secretaria de Viação e Obras. A dúvida, porém, persiste. Como a de Marcilda Pedreira, co-proprietária do Chorão: "E aí, então não vai ter mais música ao vivo?" A pergunta está no ar...